

Uma bruxinha no livro didático

Andréa Maria de Araújo Lacerda *

Resumo

Muitos estudos vêm, nos últimos anos, demonstrando problemas no modo como o livro didático de português (LDP) aborda o texto literário. Quando se trata do aproveitamento da narrativa para criança, quase nada tem sido questionado. Diante dessa problemática, elaboramos um projeto intitulado: *Literatura infantil em livro didático de português* cujo objetivo é detectar os problemas mais recorrentes no modo como os LDP se apropriam de obras literárias escritas para crianças. Apresentaremos, neste artigo, a abordagem que o livro didático *Língua Portuguesa*, de Liliana Doll (1998, vol. 1), faz da narrativa *Uxa - ora fada, ora bruxa* (1985), de Sylvia Orthof.

Palavras-chave: Livro didático - Literatura Infantil – Sylvia Orthof

Abstract

Many researches have, in the last years, shown problems in the way the didactic book of Portuguese (DBP) approaches the literary text. When we deal with the narrative improvement to children, has almost nothing been questioned. Based on this problematic, we draw up a project entitled: “Infantile Literature in didactic book of Portuguese” which aim is to detect the most appealing problems in the way the DBP appropriates itself the literary works to children. We show, in this article, the approach the didactic book “Língua Portuguesa”, by Liliana Doll (1998, vol.1) makes from the narrative “Uxa – ora fada, ora bruxa” (1985), by Sylvia Orthof.

Keywords: Didactic book – Infantile Literature – Sylvia Orthof

Introdução

Diferentes pesquisas apontam limites e valores dos livros didáticos – importante instrumento de ensino e, em algumas regiões, praticamente o único meio pelo qual se dá o contato inicial do indivíduo com a leitura literária. No que se refere ao uso que os livros didáticos fazem da literatura infantil, ainda não se investigou se estes livros estimulam ou não a criança a despertar o gosto pela leitura literária. Sabemos que a abordagem de livros infantis pelos manuais didáticos nem sempre levam em consideração o valor estético das obras, retomando-as quase sempre apenas como pretexto.

Além disso, a abordagem quase nunca tem um acompanhamento adequado, uma orientação precisa que desperte no aluno a dimensão prazerosa da leitura, proporcionando-lhe um encontro afetivo e efetivo com as obras. Em geral, os livros didáticos fazem o aluno crê que a literatura é mais um texto cujos objetivos são: fazer com que desenvolvam a competência lingüística, estudar questões gramaticais, dentre outros.

Daí a importância em apontar problemas no modo como os textos literários são utilizados pelos autores dos livros didáticos. Problemas como, por exemplo, a fragmentação das obras infantis, a falta de riqueza de ilustrações (aspecto importante para atrair a atenção da criança), a utilização do texto literário, quase sempre, para ilustrar a unidade temática – precisam ser objeto de reflexão.

Esta análise é apenas uma amostra da nossa pesquisa e faz parte de um corpus maior composto por várias análises acerca da abordagem que os livros didáticos (de 1ª a 4ª série do

* Este artigo advém da pesquisa *Literatura infantil em livros didáticos de português*, orientada pelo professor Dr. José Hélder Pinheiro Alves, vinculada ao PIBIC-CNPQ-UFCG.

Ensino Fundamental) fazem das narrativas infantis. Além disso, traz sugestões de atividades a serem trabalhadas em sala de aula. Elegemos para análise a obra de Sylvia Orthof. Trata-se de uma escritora consagrada e de grande penetração entre leitores jovens e adultos. Seus livros, quase sempre dissociados da intenção pedagógica, estão aliados a um viés dos mais promissores - a exploração bem humorada das situações humanas - iniciado por Lobato. Mas, diferentemente deste, o humor nas obras dessa escritora é representado quase sempre através de personagens adultos que assumem posturas pouco convencionais.

A história de Uxa...

Uxa - ora fada, ora bruxa narra a divertida história de Uxa, uma bruxa que muda muito de opinião e, conseqüentemente, de atitudes. Há dias em que Uxa concorda com tudo. Nestes dias (dias do “sim”), ela se veste de fada e quer fazer uma porção de bondades. Enquanto que, nos dias do “não”, Uxa volta a ser bruxa e a fazer “maldades”. Em meio a toda essa instabilidade comportamental, Uxa encontra personagens (um taxista, um guarda de trânsito e até um príncipe, entre outros) que serão alvos das suas frustradas tentativas de bondade. Como se vê, trata-se de uma abordagem pouco convencional das bruxas e, como marca da autora, o humor está presente em toda a narrativa.

Uxa no livro didático

Partindo-se para a análise da abordagem que o livro didático *Língua Portuguesa*, de Liliana Doll (1998, vol. 1), faz da narrativa *Uxa - ora fada, ora bruxa* (1985), de Sylvia Orthof, o primeiro ponto que observamos foi verificar se a obra infantil se apresentava integralmente ou se estava incompleta no livro didático. Constatamos que o livro está fragmentado. *Uxa, ora fada, ora bruxa* é uma narrativa escrita em 198 versos. Entretanto, no livro didático a história é narrada em apenas 84 versos, ou seja, foi excluído mais de cinquenta por cento do livro infantil.

Sabemos que todo e qualquer texto literário, quando fragmentado, pode tornar empobrecedora a experiência de leitura. E, quando nos voltamos para o texto infantil, vemos que esta fragmentação é muito mais prejudicial. Em se tratando das obras de Sylvia Orthof, e, especificamente, *Uxa, ora fada, ora bruxa*, ao fragmentá-la, a autora do livro didático exclui boa parte do que Sylvia Orthof tem de melhor - o jogo com as palavras, o humor, a fantasia. Ou seja, deixa de lado, alguns elementos imprescindíveis para despertar na criança a vontade de ler a obra e de ir à busca de outras leituras literárias. Ao retirar trechos dessa obra, Liliana Doll priva o leitor de saber fatos e situações importantes, como, por exemplo, o fragmento abaixo em que aparece o desfecho da história:

E assim é Uxa, a bruxa, ora boa, ora ruim,
ora antiga, ora moderna... afinal, Uxa muda,
muda muito, constantemente... eu acho, sei não,
eu acho Uxa muito parecida com muita gente!

Com a ausência desse fragmento a autora do livro didático impede que o leitor tenha conhecimento do final da narrativa. Depois que a personagem resolve voltar a ser bruxa, ela tenta recomeçar suas “maldades”: tira cinco velhas do jejum, faz o carro do taxista virar avião, faz um guarda de trânsito se vestir de baiana e cantar, entre outras brincadeiras. E só depois disso é que Sylvia Orthof apresenta o desfecho da obra (mencionado no exemplo acima), deixando o leitor livre para interpretar e resgatar ou não as experiências da própria vida. Afinal, todas as pessoas são dotadas de virtudes e defeitos (nos mais variados níveis). Neste

caso, o cerne da questão é a complexidade humana a ser assumida. Todo esse “processo” para deixar de ser bruxa é privado do leitor, bem como as situações cômicas promovidas por Uxa na tentativa de praticar as suas “maldades”.

Observamos o mesmo problema quanto às ilustrações. Diferentemente da obra infantil que é repleta de imagens, o livro didático só traz uma gravura no texto. Esta, por sua vez, não dialoga com o texto e é praticamente insignificante para os leitores.

As ilustrações de Tato, em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, são como um reforçador do caráter lúdico da obra, dialogando e interagindo com o texto. Inclusive, o jogo de cores - vermelho e preto - que se alternam, completa a oscilação comportamental sofrida pela personagem. Vale salientar também que, por se tratar de um livro da 1ª série do Ensino Fundamental, ou seja, destinado a leitores iniciantes, a importância dada às ilustrações é ainda maior. Para exemplificar basta observarmos as ilustrações abaixo, referentes ao trecho inicial da narrativa, contidas na obra infantil e no livro didático, respectivamente:

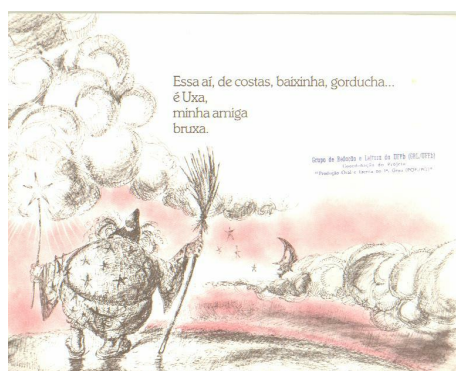


Fig. 1



Fig. 2

Como se vê, no original (Fig. 1) o texto verbal remete às ilustrações, já que há uma adequação entre o que está sendo dito e o que foi ilustrado. Em contrapartida, o livro didático (Fig. 2) traz apenas uma gravura que não engrandecem em nada a obra infantil. Ao dizer: *Essa aí, de costas, baixinha, gorducha...! é Uxa, minha amiga bruxa*, o leitor espera encontrar uma bruxa, mas se depara com dois chapéus: um de fada, outro de bruxa que, no decorrer da história, o leitor mirim pode perceber que simbolizam a constante mudança da personagem.

Outro aspecto que observamos foi a forma como a obra infantil vem disposta no livro didático. Além de se apresentar fragmentada e sem ilustrações adequadas, teve sua estrutura totalmente modificada. A história de Sylvia Orthof é um texto curto, simples, escrito com letras grandes que facilita a leitura da criança. Trata-se de uma narrativa em versos, como já

foi ressaltado anteriormente. Ao compararmos a forma como o texto comparece no livro didático com a versão original, vemos que tudo isso foi modificado. Inclusive a marcação rítmica, o que impossibilita uma leitura mais musical e prazerosa, como pode ser observado no fragmento transcrito abaixo:

a) Conforme a obra:

Uxa vai subindo a escada,
muito dengosamente fada.
Aí, chegando no terceiro degrau,
senta e pensa:
será que eu quero mesmo
deixar cair
o meu sapatinho
de cristal?

b) Conforme o livro didático:

Uxa vai subindo a escada, muito dengosamente fada. Aí, chegando no terceiro degrau, senta e pensa: será que eu quero mesmo deixar cair o meu sapatinho de cristal?

Outro aspecto avaliado foi a orientação para o “aproveitamento” da narrativa. A autora do livro didático propõe um diálogo entre a história de *Uxa, ora fada, ora bruxa* e os contos de fada, especificamente a história de Cinderela. A sugestão de Liliana Doll é de que antes da leitura do texto, o professor leia ou relembre a história da “gata borralheira”, já que, segundo ela, essa obra de Sylvia Orthof estabelece um diálogo com o conto de fada. Doll ainda sugere que o professor destaque os elementos que aparecem nos dois textos, como: o baile, o príncipe, o sapatinho de cristal e a abóbora (como meio de transporte).

Para quem conhece a história de Cinderela, ao ler *Uxa, ora fada, ora bruxa*, evidentemente, fará, de imediato, a relação entre ambas, pois, há um jogo intertextual. Embora a bruxa, enquanto fada, decida ir ao palácio para *perder* o sapatinho de cristal e casar com o príncipe, ela tem medo de ser sempre igual, sempre feliz. Ao se dar conta do que estava fazendo, desiste de prosseguir com os seus planos e volta a ser bruxa. Depois Uxa volta ao palácio, agora não mais para perder o sapatinho de cristal, mas para *tirar a bestagem* da cabeça do príncipe (ele quer ser feliz para sempre), e o despertar para a realidade: ele vai vender abóbora num mercado da cidade, como podemos verificar no exemplo a seguir:

E Uxa vai para o castelo,
pega o príncipe,
tira a bestagem da cabeça dele,
faz com que o príncipe
acorde pra realidade...
e o príncipe vai trabalhar num mercado da cidade...
e vende abóbora que não é automóvel,
pois tudo agora é de verdade...

É importante observarmos que este fragmento também comprova a postura de Sylvia Orthof em relação aos contos de fadas. Ela trabalha a intertextualidade entre a obra e o conto de Cinderela, mas propõe em seu livro algo inovador: a história apesar de ter príncipe, castelo e abóbora não tem um desfecho tradicional: “união eterna” entre os personagens, mas um

final inusitado, pois o príncipe vai vender abóbora no mercado e Uxa se apaixona por um computador - símbolo da modernidade. Entretanto, toda essa parte da história é excluída por Liliana Doll. Aliás, na seqüência deste trecho há um outro exemplo que ratifica esta postura de Sylvia Orthof e que também foi excluído. É quando:

Uxa bota uma língua
para as histórias antiquadas,
samba num pé,
fica moderna (...).

Ao fragmentar a narrativa Doll não se deu conta da importância dos fragmentos transcritos acima e preferiu sugerir que a obra infantil se relaciona, de modo linear, com o conto da Cinderela. Embora ela peça que o professor chame a atenção dos alunos para as semelhanças e diferenças entre esse texto e a história da “Gata Borradeira”.

Quando partimos para os exercícios propostos pelo livro didático vemos que os problemas continuam e que eles reforçam a relação sugerida entre o livro infantil e o conto de fadas (vale lembrar que o livro didático em questão é o manual do professor). Logo no início dos exercícios a autora do livro didático propõe que o professor explique o que são os contos de fada e, se possível, traga alguns para ler na sala de aula. A maioria das questões gira em torno da ponte entre a obra infantil e o conto (o que em princípio não é ruim), como, por exemplo:

Você conhece outros contos de fada?
Que personagens aparecem com frequência nos contos de fada?
Nesses contos, as fadas são sempre boas? Como elas são?
Nesses contos, o que as bruxas sempre fazem?

(p. 108)

Nenhuma das questões faz com que o aluno interaja ou se identifique com a narrativa ou com algo abordado por ela, ou se inquiete, ou até mesmo, se entusiasme ainda mais com o texto infantil. São perguntas cujas respostas se encontram facilmente na obra; o aluno só precisa transcrever tal qual está no livro, sem estimulá-lo a ter novos olhares e a fazer novas leituras.

Vale salientar que, o que criticamos não é o fato de Doll sugerir essa relação obra - conto de fadas, mas de fechar o aproveitamento da obra infantil no conto de fadas tradicional como se fosse uma leitura única; a autora do livro didático não levanta, em nenhum momento, o que a obra tem de diferente. Além disso, a utilização do texto de Sylvia Orthof, a nosso ver, está ligada à temática geral da unidade – *Todo povo cria, inventa, canta, faz arte...*-, na qual todas as histórias se relacionam com personagens fantásticos, com contos folclóricos, com lendas, entre outras, o que reforça a idéia da autora do livro didático ter tomado o texto meramente como pretexto.

Ao passarmos para as estratégias sugeridas por Doll para que os professores introduzam a narrativa de Sylvia Orthof, percebemos que entre os objetivos propostos está o de ampliar o conhecimento ortográfico e gramatical, como se a função do texto infantil fosse apenas desenvolver a competência lingüística do aluno.

Considerações finais

Mediante a análise pudemos observar que o modo como o livro didático de português aborda a ficção infantil pouco contribui para a formação de leitores. Problemas como a

retomada do texto literário como pretexto, servindo apenas para ilustrar a unidade temática e a sua fragmentação é uma constante nos manuais didáticos. Em geral, há em todos eles uma relação muito forte da literatura infantil com o estudo de sinônimos, de regras gramaticais e de produção textual, priorizando o desenvolvimento da competência lingüística – que é um dos objetivos dos livros didáticos em geral.

Constatamos que não há estímulo para a leitura integral da obra literária utilizada pelo livro didático. A quota de humanidade de que todos nós necessitamos (tão apregoada por Antonio Candido, 1995) é negada aos alunos, mesmo porque o tipo de abordagem presente no manual nem sempre leva em consideração o valor estético dos textos literários, escolhendo-os, muitas vezes, devido à adequação à unidade temática ou simplesmente por ser um escritor renomado. Há uma sobreposição do viés pragmático em detrimento do valor estético da obra.

Temos consciência de que o livro didático é apenas um manual, um norteador para que o professor tenha mais ou menos uma noção de que caminho deve percorrer. Entretanto, muitos professores preferem lançar mão de uma atividade “pronta e acabada” nos manuais a tentar propor algo diferente do que é oferecido. Caberá ao professor se posicionar criticamente diante dos manuais a fim de perceber o que estes trazem de “ganho” ou de “perda” para a Literatura Infantil.

Apesar dos problemas detectados no livro didático temos consciência de que ele ainda, bem ou mal, é uma espécie de “divulgador” da Literatura, visto que o acesso a textos literários, para a maioria das crianças, se dá apenas através desses manuais. Além disso, sabemos que dificilmente o livro didático não virá, de uma forma ou de outra, com limitações. Não há como trazer em um único livro obras completas juntamente com suas ilustrações, sobretudo de razões de espaço. Daí a necessidade de o professor tentar levar a obra infantil para ser lida na sala de aula; caso isso não seja possível, é imprescindível estar sempre atento aos modos como os textos literários estão sendo trabalhados.

Referências bibliográficas:

- AGUIAR, V. Teixeira de (1999). Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, A. A. M. & BRANDÃO, H. M. B & MACHADO, M. Z. V. (Org.) *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica.
- ALMEIDA, Laura Beatriz Fonseca de (1999). *A literatura e o manual didático: uma convivência possível?* In: *Presença pedagógica*, v. 5, nº 28, jul./ago. pp. 42-47
- ALVES, José Hélder Pinheiro (2001). Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONISIO, Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 60-72
- CAMPOS, C. Arruda (1988). *Análise e avaliação de livros para crianças*. São Paulo: FDE.
- CANDIDO, Antonio (1995). *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades.
- COELHO, Nelly Novaes (1984). *Dicionário crítico da literatura infantil/ juvenil brasileira (1882-1982)*. 2ª ed. São Paulo: Quíron; Brasília: INL. p.p. 21.
- DOLL, Liliana (1998). *Língua portuguesa*. São Paulo: Ática. (Col. espaço e ação). pp. 106-110
- JOLIBERT, Josette, coord. (1994). *Formando crianças leitoras*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LAJOLO, Marisa (1993). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática.
- _____ (1988). *Leitura: caminhos da aprendizagem*. São Paulo: FDE.

- LEITE, Lígia C. de Moraes (1983). *A invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- LINS, Osman (1977). *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus.
- ORTHOF, Sylvia (1985). *Uxa, ora fada, ora bruxa*. Ilustrações de Tato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PONDÉ, Glória & YUNES, Eliana (1988). *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD.
- SILVA, Ezequiel T. Da (1988). *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes.
- SLADE, Peter (1978). *O jogo dramático infantil*. Trad. Tatiana B. São Paulo: Summus.
- ZILBERMAN, Regina (1988). *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto.
- _____, org., (1982). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 2^a ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.